



Catherine Opie,
J., da série *Being
and Having*, 1991
Foto: Cortesia da artista

DUAS NOVAS EXPOSIÇÕES NO MASP

A partir de 5 de julho, o Museu de Arte de São Paulo proporciona experiências inéditas para o público brasileiro, com as mostras de CATHERINE OPIE e LIA D CASTRO.

Artista de vanguarda em questões de gênero, a norte-americana faz sua primeira mostra individual no Brasil e exhibe seus retratos nos icônicos cavaletes de cristal do acervo da instituição. A brasileira Lia D Castro, por sua vez, realiza sua primeira exposição individual em um museu – pinturas que mostram momentos de intimidade e afeto em um processo de investigação sobre preconceitos, masculinidade, racismo e estruturas de poder



Lia D Castro,
Carlos/Davi,
da série *Axs
nossxs
filhxs*,
2021
Foto: Daniel Cabrel

CATHERINE OPIE: O GÊNERO DO RETRATO



Catherine Opie, *Idexa*, 1993

Foto: Cortesia da artista

Catherine Opie é um dos principais nomes da fotografia internacional contemporânea e uma das precursoras na discussão sobre questões de gênero entre o fim dos anos 1980 e o início dos anos 1990. Sua produção dialoga com a tradição do retrato – um dos mais tradicionais gêneros da pintura ocidental – de modo a dar legitimidade a novos corpos, subjetividades e experiências que emergem na sociedade contemporânea. Em suas fotografias, Opie retrata diversas expressões e

subjetividades de indivíduos e coletivos que se identificam com gêneros e orientações sexuais diversas, especialmente pessoas queer.

Com curadoria de Adriano Pedrosa, diretor artístico, MASP, e Guilherme Giufrida, curador assistente, MASP, a mostra é a primeira da artista no Brasil, e reúne 63 fotografias de suas séries mais emblemáticas, desenvolvidas ao longo de mais de três décadas. Os retratos de Opie figuram ao lado de 21 importantes pinturas da coleção do MASP, entre elas, de Pierre-Auguste Renoir, Hans Holbein, Anthony van Dyck e Van Gogh. As obras são apresentadas em diálogo com o objetivo de acentuar os diálogos, tensões e reformulações aos quais o trabalho de Opie se propõe, além de desdobrar a predileção pela arte figurativa, marca da coleção do museu.

A artista explora o gênero clássico do retrato assumindo algumas de suas características – fundo neutro, os gestos com as mãos, as expressões e os enquadramentos – e adiciona novos elementos, como a diversidade de gênero, as práticas sexuais, os corpos distintos e os relacionamentos familiares homossexuais. *“É fundamental que todos os seres humanos sejam legitimados, isso é necessário para a inclusão de todas as pessoas, para a humanidade. Ao utilizar a estética tradicional do retrato, conforme a minha visão sobre a retratística, busco manter o espectador envolvido na obra durante a observação. Além disso, é uma forma*

de redefinir o corpo queer dentro de uma formalidade conhecida, e não tratar apenas de uma fotografia documental”, comenta Catherine Opie.

OBRAS E REFERÊNCIAS

A fotógrafa tem como uma de suas principais referências o pintor Hans Holbein (1497-1534), inspirando-se nos elementos formais que compõem os retratos do pintor alemão, como o uso da cor chapada ao fundo, especialmente o azul. Suas produções também se assemelham por se tratar de conjuntos de retratos que carregam um sentido de comunidade. Em Holbein, tal recorrência reafirma a ascendência ou a aliança fami-

liar. Já em Opie, as conexões se sustentam por amizade, identificação e proteção, como em uma galeria de retratos de uma espécie de nobreza queer.

Na exposição, a fotografia *JD* da série *Girlfriends (Color)* (2008) da artista, é apresentada ao lado da pintura *O poeta Henry Howard, conde de Surrey* (Circa 1542), de Holbein, o que dá destaque às suas semelhanças e particularidades. “Trata-se da apropriação da tradição e de marcadores associados às elites para dar a mesma condição de visibilidade a gêneros que muitas vezes não fizeram parte do universo de possibilidades da representação”, reflete Giufrida.

Catherine Opie, *JD*, da série *Girlfriends*, 2008

Foto: Cortesia da artista



Hans Holbein, *O poeta Henry Howard, conde de Surrey*, Circa 1542

Foto: João Musa / MASP





Catherine Opie,
*Flipper, Tanya,
Chloe & Harriet,
San Francisco,
California,*
da série *Domestic*,
1995

Foto: Cortesia da artista

Being and Having (Ser e ter) (1991) foi a primeira série de retratos de Opie apresentada em uma exposição individual. A série é composta por 13 fotografias que retratam performances de figuras masculinizadas por seus atributos, como bigodes ou bonés, denominadas *drag kings*. Ao invés do nome oficial da pessoa retratada, Opie opta pelo nome fictício, de identificação coletiva e afetivo dentro do grupo de amigas de que faz parte. O título é uma paródia das teorias de Jacques Lacan (1901-1981) sobre o lugar do falo na construção da sexualidade.

Essa série inaugurou no trabalho de Opie um conjunto de retratos em estúdio que se estende até hoje, sendo que alguns deles possuem referências internas, como a cor de fundo vermelha, as roupas, a pose e o banco que se repetem propositalmente em *Pig Pen* (1993) e *Elliot Page* (2022), por exemplo. A fotografia do ator, produtor e diretor canadense Elliot Page, conhecido

por produções de sucesso como o filme *Juno*, ilustra a capa de sua biografia *Pageboy*, que conta a história do seu processo de transição de gênero.

SOBRE CATHERINE OPIE

Catherine Opie nasceu em Sandusky, Ohio, em 1961. Atualmente, vive e trabalha em Los Angeles, onde foi também professora no departamento de Artes da Universidade da Califórnia (UCLA). Desde o fim dos anos 1980, realizou diversas exposições individuais em instituições de reconhecimento internacional, como *Guggenheim Museum* (Nova York), *Los Angeles County Museum of Art* (Los Angeles), *Regen Projects* (Los Angeles), *Thomas Dane Gallery* (Londres), *Institute of Contemporary Art* (Boston e Canadá). Seu trabalho integra o acervo de instituições internacionais como *Guggenheim Museum*, *Institute of Contemporary Art*, *J. Paul Getty Museum*, *Museum of Contemporary Art*, *Museum of Fine Arts*, *National Portrait Gallery*, *Tate* e *Whitney Museum*.

LIA D CASTRO: EM TODO E NENHUM LUGAR



Lia D Castro, *Davi*, da série *Axs nossxs filhxs*, 2019

Foto: Lucas Cruz / Instituto Çarê

É impossível refletir sobre a obra da artista e intelectual Lia D Castro sem falar de encontros, contrastes, fricções e transformações. Sua primeira mostra individual em um museu reúne 36 trabalhos, sendo a maioria pinturas de caráter figurativo. As obras selecionadas exploram cenários onde o afeto, o diálogo e a imaginação se tornam importantes ferramentas de transformação social.

O título da exposição parte da constatação da ausência histórica de grupos minorizados em posições de poder e decisão – em nenhum lugar –, enquanto sua presença

e força de trabalho compõem as bases que sustentam a sociedade – em todo lugar. Com curadoria de Isabella Rjeille, curadora, MASP, e Glauceca Helena de Britto, curadora assistente, MASP, a mostra apresenta trabalhos que abrangem toda a produção da artista.

Lia D Castro utiliza a prostituição como ferramenta de pesquisa e desenvolve sua produção a partir de encontros com seus clientes – homens cisgêneros, em sua maioria brancos, heterossexuais, de classe média e alta – para subverter relações de poder ou violência que



Lia D Castro, *Davi*, da série *Axs nossxs filhxs*, 2021
Foto: Lucas Cruz / Instituto Çarê

possam surgir entre eles, aliando história de vida e história social. Temas como masculinidade e branquitude, mas também afeto, cuidado e responsabilidade, são abordados nessas ocasiões e resultam em pinturas, gravuras, desenhos, fotografias e instalações criadas de modo colaborativo.

Nesses momentos, ela conversa com esses homens e os convida a refletir: quando você se percebeu branco? E quando se descobriu cisgênero, heterossexual? “Per-

guntas sobre as quais a artista não busca uma resposta definitiva, mas sim provocar um posicionamento dentro do debate racial, sobre gênero e sexualidade”, afirma a curadora Isabella Rjeille.

As conversas de Lia D Castro com esses homens são permeadas por referências a importantes intelectuais negros como Frantz Fanon, Toni Morrison, Conceição Evaristo e bell hooks. Frases retiradas dos livros desses autores, lidos pela artista na companhia de seus colaboradores, são inseridas nas telas e misturam-se aos gestos, cenas, cores e personagens. O trabalho de Lia D Castro torna-se um lugar de encontro, embate e fricção, no qual ações, imagens e imaginários são debatidos, revistos e transformados. Com frequência, a artista insere referências a outros trabalhos por ela realizados, incluindo-os em outro contexto e, consequentemente, atribuindo novos significados e leituras a essas imagens.

“Partindo da visão de Frantz Fanon de que o racismo é uma repetição, eu proponho combatê-lo com a repetição de imagens. Como a imagem constrói cultura e memória, ao colocar uma obra dentro da outra, busco criar novas referências estéticas”, comenta a artista.

PINTURAS E METODOLOGIA ARTÍSTICA

A produção de Lia D Castro é organizada em séries, sendo a maior delas *Axs Nossxs Filhxs*, presente nesta exposição. Desenvolvida na sala de estar e ateliê de Lia D Castro, um lugar de encontro e trocas comerciais, intelectuais e afetivas, a série apresenta um processo criativo marcado por escolhas coletivas, da paleta de

cores à assinatura das obras. A repetição é uma característica central: por meio desse recurso é possível reconhecer gestos, personagens e situações, assim como outras obras da artista que aparecem representadas nas telas, acumulando significados. A utilização do “x” no título da série se refere à diversidade de formações familiares e vínculos afetivos para além do parentesco consanguíneo ou da família heterossexual monogâmica. O uso do “x” também é utilizado para abarcar diferentes gêneros.

Lia D Castro também se retrata em pinturas dessa série. Enquanto os homens estão nus, ela encontra-se vestida. Seu corpo é coberto por esparadrapos colados sobre a tela formando um longo vestido branco, na contramão da tradição histórica da pintura ocidental, em que a grande maioria dos nus são femininos.

A artista subverte também pintando esses personagens em momentos de pausa, descanso, lazer, leitura e contemplação. “*O caráter político da obra de Lia D Castro questiona o imaginário social que vincula violência e subalternidade a corpos não hegemônicos na arte ocidental*”, afirma a co-curadora Glaucea Helena de Britto.

SOBRE LIA D CASTRO

Artista e intelectual, Lia D Castro nasceu em 1978, em Martinópolis, São Paulo; atualmente, vive e trabalha na capital paulista. A artista realizou exposições individuais no Instituto Çarê (2022), em São Paulo, e na Galeria Martins&Montero (2023), em São Paulo e na Bélgica. Dentre as exposições coletivas, destacam-se a 10ª Mostra 3M de arte – *Lugar Comum: travessias e cole-*



Lia D Castro,
Sem título,
da série *Axs
nosxs filhxs,
natureza
morta*, 2021
Foto: Lucas Cruz /
Instituto Çarê

tividades na cidade, no Parque Ibirapuera, em São Paulo (2020); *A verdade está no corpo*, no Paço das Artes, São Paulo (2023); *Middle Gate III*, no De Werft, na Bélgica (2023); *Hors de l'énorme ennui*, no Palais de Tokyo, na França (2023); e *Dos Brasis: arte e pensamento negro*, no Sesc Belenzinho, em São Paulo (2023). Sua obra integra o acervo da Galeria Martins&Montero (São Paulo e Bélgica) e S.M.A.K., *Stedelijk Museumvoor Actuele Kunst* (Bélgica).

SERVIÇO

Catherine Opie: o gênero do retrato

De 5 de julho a 27 de outubro

MASP – Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand –
2º subsolo

Lia de Castro: em todo e nenhum lugar

De 5 de julho a 17 de novembro

MASP – Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand –
1º subsolo

Avenida Paulista, 1578, Bela Vista, São Paulo / SP

Tel.: (11) 3149-5959

Dias/Horários: terças grátis e primeira quinta-feira do mês
grátis; terças, das 10h às 20h (entrada até as 19h);
quarta a domingo, das 10h às 18h (entrada até as 17h);
fechado às segundas

Agendamento on-line obrigatório pelo link

[masp.org.br/ingressos](https://www.masp.org.br/ingressos)

Ingressos: R\$ 70 (entrada); R\$ 35 (meia-entrada)

<https://www.masp.org.br/>